

Editorial

DEPOIS DO PLEITO

As eleições são o maior espetáculo da democracia. Sempre trazem lições, apesar de, muitas vezes, estarem viciadas pelos poderosos. Estes são surpreendidos quando adotam a regra do jogo. O regime militar foi frequentemente contrariado pelas urnas. As eleições do último domingo trouxeram vários ensinamentos. O principal deles foi com relação ao financiamento das campanhas pelas empresas. Com ganhos de resultados para a sociedade, as campanhas custaram muito menos que antes. A menor duração das campanhas também ajudou a depurá-las dos artifícios que, antes, à custa de dinheiro, faziam a festa dos marqueteiros. A comunicação teve de ser feita com maior despojamento, mais corpo a corpo, talvez mais sinceridade. Em relação a 2012, aumentou o número de abstenções, votos brancos e nulos, cuja média chegou a 30% do eleitorado. O dado demonstra que cresce o segmento da população que mantém sua decepção com a política, mesmo depois dos protestos de 2013. O regime não foi capaz de atender as expectativas desses eleitores. As reformas que promoveu foram insuficientes; mas a mesma decepção manteve ativos outros grupos, cuja determinação conquistou expressivas vitórias eleitorais, inclusive na capital. Como era esperado, o PT não resistiu à avalanche negativa dos últimos meses e refluíu eleitoralmente. Ficou reduzido praticamente ao voto ideológico de seus correligionários mais fiéis, revelando suas verdadeiras dimensões, depois do dilúvio. Por sua vez, outras vertentes de uma nova esquerda experimentaram avanços, da mesma forma que pequenos partidos ganharam expressão e poder. O eleitor está explorando alternativas que possam representá-lo, fora dos grandes partidos. O quadro eleitoral de 2018 começou a mudar com essas eleições de 2016.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Marina Medioli
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares
GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos
GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado
GERENTE DE MARKETING
Monique Araki
GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORIA EXECUTIVA
Lúcia Castro
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa
ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha
CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes
EDITORES
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke





FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

Eleição é tempo de promessas e, nosso papel, cobrar cumprimento

“A gente nunca sabe quem é mais mentiroso”

Em 2 de outubro ocorreram eleições em todo o país para prefeitos (as) e vereadores (as). A peleja agora é para quem se elegeu e deve evoluir: “pensar global e agir local” pela preservação da democracia no Brasil. Ao acordar no dia das eleições, senti saudades do tempo em que boca de urna não era delito eleitoral (artigo 39, parágrafo 5º, I e II, Lei Ordinária 9.504/1997). Nunca entendi boca de urna como um cerceamento da vontade do (a) eleitor (a). Agora é crime! Até ri pensando que, se vovó Maria Andreolina fosse viva, no fuzuê das eleições onde moro, pediria para ela fazer uma promessa para a gente vencer, embora ela dissesse que não fazia promessa para ninguém ganhar eleição porque “a gente nunca sabe quem é mais mentiroso, pois ‘inleição’ é tempo de promessa”. Era uma santeira de muita fé, e meu avô dizia que os santos gostavam dela, como escrevi em “Para que servem os santos” (**O TEMPO**, 8.5.2007).

“Nasci no médio sertão do Maranhão, numa família de moral camponesa rígida, de negros dos mais católicos, sem sincretismos, que abominava terecô e assemelhados. E era muito apegada aos santos. Elementar, onde não há nenhum tipo de atenção à saúde, se ‘apegar’ com os santos era o que restava em caso de doença. “A religiosidade era tanta que meu nome é Maria de Fátima. Nasci no ano em que Nossa Senhora de Fátima veio ao Brasil, na peregrinação mundial de sua imagem, idealizada pelo padre belga Demontiez O.M.I. – da Cova da Iria, em 13.5.1947, para o Congresso Marial de Maastricht, dos Países Baixos. Deu a volta ao mundo e retornou em 1959.

“O único testemunho escrito que conheço é o de dona Nilza do Goiabal (bairro de São Luís), que, ‘quando jovem, assistiu em São Luís à peregrinação de Nossa Senhora de Fátima, de Portugal. Levada pela emoção, prometeu a si mesma fazer a procissão de Nossa Senhora de Fátima, são Benedito e um tambor de crioula’ (Josimar Silva, ‘Perfil Popular’, Boletim 10, Comissão Mineira de Folclore, dez. 1977). “Meus avós iam anualmente aos festejos da Senhora da Consolação, em Colinas (MA), em 8 de dezembro, data da padroeira da cidade. Quando criança, pa-

Promessa não é isso? Pede-se ao santo e, conseguido o intento, paga-se. Promessa é dívida”. Ah, quem dera que prefeitas e prefeitos pensassem assim.

guei um monte de promessas que vovó fazia. Na igreja de Santa Rita, num povoado perto de Colinas, entreguei um ex-voto (do latim: ‘votu’ = ‘promessa’). Meu rosto esculpido em madeira. Promessa de vovó, para que eu não ficasse com cicatrizes de catapora no rosto, pois onde já se viu uma moça com o rosto deformado? Nem marido ia arrumar! Na época, eu estava com uns 7 anos. “Roupas especiais como pagamento de promessa, vovó era useira e vezeira em prometer. Era famosa por conseguir tudo o que pedia aos santos. Mamãe vivia às turras com ela, que costumava fazer promessas pela gente e depois exigia que a gente pagasse! Adulta, eu a proibi de fa-

zer promessas em meu nome, pois eu não as pagaria. Ela não titubeou: ‘Ah, é, sua mal-afortunada, soberba, depois não chore na hora da precisão! Promessa pra santo tem de pagar. Se ficar devendo, não alcança mais nenhuma graça’. “Tudo que acontecia de bom ela logo dizia que havia uma promessa a pagar. Na adolescência, comecei a implicar com esse jeito dela de ser. Havia motivos de sobra. Criança, usei uma roupa marrom, como o hábito de São Francisco, por três meses, num calor terrível, pagando promessa feita por ela... “Para que servem os santos? Na compreensão popular, por estarem mais próximos de Deus, podem intermediar pedidos. Promessa não é isso? Pede-se ao santo e, conseguido o intento, paga-se. Promessa é dívida”. Ah, quem dera que prefeitas e prefeitos pensassem assim. Mas nosso papel é cobrar. Vamos, gente!

